

"Vou ser vereador do povo. Por que não?"

ILARA VIOTTI
Da Editoria de Política

Ele foi astro-mirim do rádio de Belém, onde nasceu há 42 anos, "já de barba, óculos e um microfone na mão" — diz. Apesar de considerar "estropiada" a representação de Brasília só a nível do Congresso Nacional, resolveu se candidatar ao Senado, pelo PSB. Ideologicamente se define como socialista-cristão, e já foi do PMDB, namorou o PDT e o PSC. Faz oposição ferrenha ao governador José Aparecido, que quer ver destituído depois de 15 de novembro. Pretende ser governador eleito do DF, "se viver o suficiente para isso".

Para as primeiras eleições diretas de governador do DF já tem, no entanto, um candidato — Osmar Alves de Melo, ex-secretário de Serviços Sociais do DF, que "foi traído" pelo PMDB ao não conseguir a legenda para se candidatar ao Senado". Alvaro Costa assume integralmente o caráter de vereador do povo, e mesmo sendo eleito senador, vai montar comitês populares em todo o DF e atender pessoalmente quantos eleitores puder, tanto em seu gabinete quanto nas ruas.

Diretor do programa Brasília Urgente durante oito anos na televisão, Alvaro Costa nega que tenha explorado a miséria através do vídeo. "Meu programa teve muitos casos de denúncia do que de assistencialismo, embora tenha sido assistencialista no momento em que era preciso sê-lo". O socialismo é possível, acredita ele, e sem usar a violência, acredita que o Brasil será uma potência socialista dentro de 20 ou 30 anos. Por que você escolheu o Partido Socialista Brasileiro para se candidatar?

— Antes de responder eu preciso dizer um pouco da minha trajetória aqui em Brasília. Cheguei aqui em 1977 e o primeiro partido no qual ingressei foi o PMDB. Todos nós, que fazíamos oposição ao governo fomos para o PMDB ou para o PT. Mas de repente eu percebi que o PMDB — hoje essa grande frente — estava partindo para caminhos que não se coadunavam com o meu comportamento político e ideológico.

Que caminhos eram estes?

— Não há um fato específico que marque esta mudança de rumos. O que houve foi uma desagregação do partido. Eu fiz o máximo de esforço para evitar isso, tentei unir o PMDB, tentei evitar aquela fragmentação em 11 ou 12 correntes partidárias. Eu percebi, embora tivesse pouco traquejo na vida político-partidária, que o PMDB estava se transformando num verdadeiro festival. Era corrente de Múcio Athayde, corrente de empresários, de banqueiros, disso e daquilo outro...

Em que época ocorreu isso?

— Isso foi no ano passado, antes da convenção. Para completar entrou no partido o grupo do governador José Aparecido. Eu me lembro que numa reunião que tivemos do grupo pró-Brasília uma das correntes do PMDB, que eu ajudei a fundar com o Osmar Alves de Melo, algumas pessoas disseram: "Olha, nós vamos ter

que apoiar o Aparecido, vamos subir em palanques para dizer que ele é o melhor governador para Brasília". Este talvez tenha sido um dos fatos que marcaram minha decisão de sair do partido. Eu disse: "Se é assim, tchau e bênção". Eu não permaneceria no PMDB para aplaudir a ninguém, muito menos o governador, incondicionalmente.

Por que?

— Eu não podia admitir que o Aparecido, um janista histórico, quer dizer, um homem da UDN, pudesse pertencer ao PMDB. Eu sou um homem de partido, meio puro neste sentido.

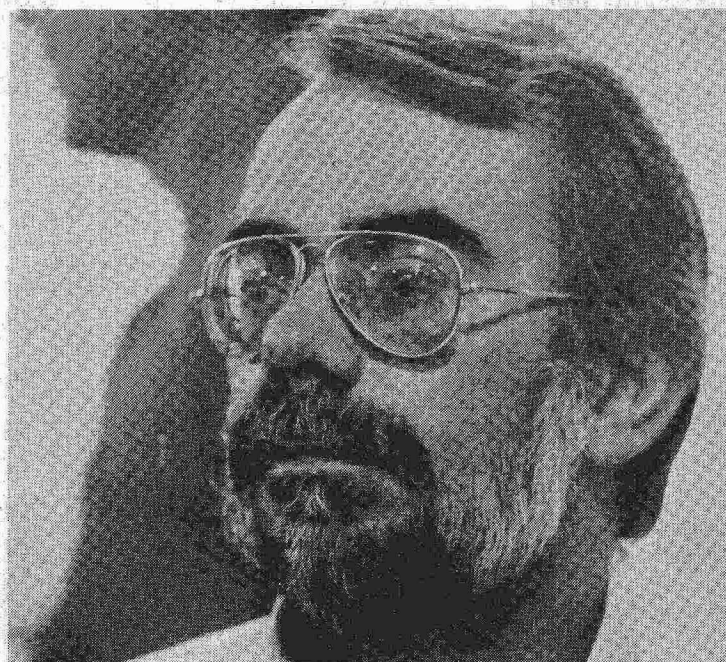
Mas muita gente mudou de partido nos últimos anos no Brasil.

— Sim, mas o PMDB acabou se tornando um arenão (referência à Aliança Renovadora Nacional — partido que apoiou os governos militares). Com o Aparecido no partido, com as decepções que eu vinha tendo com o loteamento de cargos, com a autofagia dentro do partido, todo mundo pensando em cargos e salários, eu percebi que não seria do PMDB.

O que você tem efetivamente contra o governador José Aparecido?

— Eu não tinha nada contra o governador, a não ser o fato de ele não ser uma pessoa da cidade. Tancredó Neves havia assumido o compromisso de indicar alguém daqui para o cargo. Havia vários nomes na mesa, e ele poderia ter escolhido alguém identificado com Brasília. O Osmar Alves de Melo era um deles. Aparecido não sabe nada sobre Brasília, esteve aqui em passant como secretário de Jânio Quadros. Eu comecei então a fazer pressão, através de meu programa, contra o fato de ele ser indicado e não ter identidade com a cidade, mas minhas críticas eram construtivas.

No segundo mês de governo Aparecido, eu fui convidado pelo Maurício Corrêa para um debate com o governador, na Ordem dos Advogados do Brasil. Eu e o Paulo Timm éramos os debatedores e o Aparecido o palestrante. Pensei



O jornalista do Brasília Urgente quer ser senador

que ele fosse falar algo sobre seus planos para a cidade, mostrar suas metas. Mas ele fez uma palestra intelectualizada, falou da história, da missão Cruis (que no século passado escolheu o local para a futura capital), do sonho de D. Bosco, nada de prático.

Eu percebi então que a preocupação dele era com a elite, com a intelectualidade, nada com o povo. Ficava ali falando que Brasília é a cidade síntese, pensando só no Plano Piloto. Oscar Niemeyer, é o único comunista milionário que eu conheço, ficava pensando em tomba o plano piloto, construir teatro grego na Celândia, enquanto as escolas estavam apodrecendo e os hospitais já estavam podres.

O que houve no debate que o irritou?

— No momento da minha intervenção, eu cobrei do governador, chamando-o de vossa excelência, dentro do maior respeito, um posicionamento sobre a cidade, sobre os problemas sociais. Ele simplesmente investiu para cima de mim, só não colocou o dedo no meu nariz — o resto foi um despeto só, inclusive me desrespeitando. Procurou me desmoralizar diante de um auditório de mais de 1 mil pessoas. Foi neste momento que eu resolvi ser candidato. Sugeriu a ele que se submetesse a um plebiscito, que ele estava propondo para as administrações regionais. Ele alegou es-

tar passando mal e foi embora. Muita gente veio me parabenizar, e eu recebi convite do Alvaro Paim, do PDT, para ser candidato do partido.

Por que você se decidiu pelo PSB?

— Eu sempre tive muita vontade de pertencer a um partido socialista. Depois de rápidas passagens pelo PSC e pelo PDT, eu resolvi entrar no PSB. O PSC, por exemplo, não tem nada de esquerda. É um partido de direita, não digo de extrema direita, mas sem dúvida, é direitista. Tanto é assim que o Herbert Levy é hoje a maior figura do PSC, um homem de direita.

Foi então que eu fui procurado por um grupo de São Paulo, para começar a montar o PSB aqui. A frente deste grupo estava um tal Aluisio, que depois descobrimos que era um tremendo picareta, estelionatário e tudo. Mas quem realmente reestruturou o partido aqui foi o Jamil Haddad (PSB-RJ).

Nesta época você ainda estava no PMDB.

— E. Mas eu já estava decepcionado. O Osmar Alves de Melo estava saindo para ser secretário do governo e eu disse: "Olha, não vai não, fica no partido, você pode ser presidente do PMDB". Ele não tinha o menor trânsito no governo do DF, ao qual serviu. Não deu outra: ele nem conseguiu legenda para ser candidato, nem teve apoio no governo. Na verdade ele entrou no governo e foi sa-

caneado, a máquina o engoliu.

E você então foi para o PSB.

— Fui. O PSB será o fiel da balança ideológica deste país. O partido tem tradição, existe desde 1944. Tancredó Neves foi fundador do PSB. Temos hoje o Marcelo Cerqueira (candidato à Câmara no Rio de Janeiro), temos o Evandro Lins e Silva (jurista) e o Antônio Houaiss. O próprio Jamil Haddad é uma grande figura. Eu mesmo vou contribuir muito para a consolidação do partido.

Você se considera eleito?

— Eu estou numa posição muito boa. Tenho fechado diariamente o apoio de quase todas as mil pessoas com as quais tenho contato pessoal, diariamente. Não faço promessas imbecis, não faço propostas vãs. E tenho conseguido resgatar um pouco da credibilidade do candidato brasileiro.

Como será o senador Alvaro Costa?

— Primeiro eu vou, junto com meus companheiros de bancada, fazer um apelo ao presidente Sarney para que destitua o governador José Aparecido e nomeie em seu lugar um dos 11 parlamentares eleitos em 15 de novembro. Não quero o cargo para mim, pois só serei governador eleito pelo voto direto. Mas um dos 11 poderá ser governador com mais apoio que este que está aí. Veja bem, não tenho nada de pessoal contra o Aparecido — ele é até uma figura humana bonita, mas não serve para governador.

Você acha que será atendido, ou seja, terá o apoio da bancada para isso?

— Eu terei cacife como senador eleito. A partir daí é só uma questão de negociação. Terei meu espaço na tribuna, na imprensa e negociarei com meus companheiros.

Você quer ser governador?

— Todo político está no fogo para se queimar. Eu trabalharei pela candidatura Osmar Alves de Melo em 1988. Depois disso, se ainda estiver vivo e com forças, serei candidato ao governo do DF.

Você acha que é possível implantar o socialismo no Brasil?

— Eu começarei com o exemplo a partir do meu gabinete, que será aberto aos eleitores. Todo brasileiro que me procurar será recebido, negro ou branco, bem vestido ou maltrapilho. Quanto à implantação do socialismo, acho que é possível. Utilizaremos inclusive algumas regras do capitalismo, na medida do necessário. Porque não adianta você querer virar a mesa de um dia para o outro. Ou você parte para uma revolução armada, ou através do parlamento, elegendo parlamentares que trilhem o caminho socialista.

Os brasileiros estão frustrados com a Nova República, com o Plano Cruzado, e isso será um princípio sobre o qual trabalharemos. E anote aí. Se formos eleitos, eu, o Maurício Corrêa e o Lauro Campos, os governos do DF e federal vão ter pelo menos três pedras no sapato. De algum modo, eu concordo com De Gaulle, este país não é sério. A Nova República é uma piada.

Os brasileiros estão frustrados com a Nova República. Nós vamos trabalhar em cima dessa realidade